

2147 - CORPOREIDADE E O PROCESSO DE CUIDAR - REFLEXÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS

Tanara Leonardelli Michielin [\[1\]](#)
Cláudia Rosso Trevisan [\[2\]](#)
Maria da Graça Corso da Motta [\[3\]](#)

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido durante a realização de um estudo independente denominado Corporeidade e o Processo de Cuidar, junto ao Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS. Trata-se de uma revisão bibliográfica, tendo como foco uma reflexão teórico-filosófica embasada nos estudos sobre o corpo, como a maneira de expressão do ser-no-mundo, abordando as dimensões da corporeidade e as etapas evolutivas.

Em torno desta temática, encontramos nas obras de Santin (1995) subsídios teóricos a cerca da forma do homem lidar com sua corporalidade e o seu comportamento corporal, sendo estes elementos parte de uma construção social, onde sua interação ocorre de forma dinâmica. Para Santin (1995), as concepções acerca da corporeidade são fruto de condicionamentos sociais e culturais. O corpo revela a singularidade pessoal, sendo esta a responsável pela caracterização de um grupo como unidade, revelando assim a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores. Nesta mesma linha de pensamento, Maturana (2001) ressalta que a existência do corpo humano tem seu início como uma célula, a qual possui certas estruturas iniciais, sendo estas o resultado da história da filogenia. Dando continuidade à historicidade do corpo, o autor relata a construção de outra história mediante nossas experiências de vida, de acordo com a sociedade em que vivemos. Nosso corpo humano possui a mesma organização dos seres vivos, porém, com estrutura diferente, vai adquirindo originalidade à medida que vai interagindo com o entorno. A história de mudanças na estrutura de um organismo em interações com o meio, ou seja, a ontogenia é denominada de derivação estrutural. Nesta, as mudanças estruturais que ocorrem são contingentes com as interações com o meio, não sendo determinadas pelas circunstâncias do meio, mas sim contingentes.

Dentro deste contexto, percebemos então, como ocorre a interação entre o organismo, o ambiente e a cultura, o que nos faz observar que, mesmo o organismo sendo autônomo, mantém a dependência com o entorno. Nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão de mundo (Merleau-Ponty, 1999).

O corpo é nossa possibilidade de existência. Imperfeito, maravilhoso, ao mesmo tempo que se mostra, esconde muito do que é registrado durante suas vivências, sendo capaz de questionar as separações e fixações impostas pela ciência clássica. Incapaz de apresentar respostas pré-estabelecidas como uma máquina, pois para o ser vivo, a aquisição de um hábito verdadeiro é a incorporação de uma forma suscetível de transformar-se. Em contrapartida, a máquina executa uma montagem prevista para um número finito de casos. A margem de imprevisto da máquina é muito reduzida. A máquina funciona, o animal vive, ou seja, ele reestrutura seu mundo e seu corpo (Merleau-Ponty, 1999).

Nesse sentido, pensar sobre a natureza do corpo é pensar que, ao ser natureza, o corpo orgânico é também cultural. Enigma do corpo, coisa e medição de todas as coisas, fechado e aberto, tanto na percepção quanto no desejo – Não duas naturezas nele, mas dupla natureza: o mundo e os outros tornam-se nossa carne (Merleau-Ponty, 1999).

O corpo vai se modificando e vai adquirindo significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo e, é através dos nossos gestos que somos capazes de expressar muitos desses símbolos e esconder outros, formando portanto, a linguagem do corpo: o corpo está sempre se reorganizando. E por possuir espacialidade e temporalidade próprias, cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico. (Merleau-Ponty, 1999).

Podemos perceber essa inseparabilidade do comportamento simbólico e dos esquemas inatos quando a falha epistemo-somática também pode remeter à relação do ser com seu próprio corpo, quando afetado por uma lesão, pois o sujeito fica alienado no discurso do outro, isto é, naquilo que é dito pelo outro social e pela ciência. Portanto, é necessário pensar acerca do corpo para a medicina e para psicanálise.

O corpo é uma estrutura biológica que se mantém através de funções que regulam seus ritmos vitais. As funções tônico-motoras expressam um eixo corpóreo, que no bebê está ritmado pelas presenças e ausências que demarcam o “Outro materno” - em seus cuidados, nas mudanças e giros corporais que realiza com o recém-nascido, nos jogos e imitações corporais e, no manejo do corpo.

Para Bergès (1997), as imitações precoces do lactente e de interrogações sobre os efeitos do desejo da mãe no corpo da criança, permite a função de “corpo receptáculo”. Para este autor, a ideologia moderna, do corpo, tende a fazer acreditar que a felicidade passa pelo corpo liberado, pois por ele mediatiza-se a relação. Assim, um retorno ao corpo é a panacéia, que permite ao ser falante escapar à divisão radical da linguagem infligida ao sujeito, que só poder falar na medida em que se direciona a um outro. Não somente esta expressão corporal encontra-se assujeitada ao outro, como a palavra ao ouvido do auditor, na busca de ser compreendido, notado, amado, no órgão da gestualidade, pois o corpo é um lugar de inscrição, destinado a imprimir-se com as cores e os cenários de outro.

Quanto à formação da imagem inconsciente do corpo, Dolto (1992) refere os riscos de alteração desta imagem. Diz que podemos partir daquilo que vale como uma espécie de lei geral. Um ser humano sem anomalias neuromusculares ou vegetativas, pode encontrar-se na impossibilidade de estruturar a sua primeira imagem corporal, e de sustentar a sua identificação fundamental. Para isso, basta ter sofrido rupturas danosas no elo precoce com sua mãe, tanto ao longo de sua vida fetal simbiótica de lactente, - período em que o equilíbrio da díade mãe-criança é essencial o seu devir humano.

Atuando como profissionais da área da saúde, temos identificado, através de nossas vivências que o processo de cuidar ainda tem recebido fortes influências do pensamento cartesiano, principalmente com relação as questões que envolvem o corpo humano, que, em muitas realidades, pode ser comparado com uma máquina hidráulica, a qual, os profissionais de saúde, muitas vezes, o consideram apenas em seu aspecto mecânico, sem vontade própria, sem desejos e sem o reconhecimento da intencionalidade do movimento humano, o qual é explicado através da mera reação a estímulos externos, sem qualquer relação com a subjetividade. O pensamento de Descartes, fundado no exercício do controle e no domínio da natureza, influencia as práticas de saúde através da racionalização das práticas corporais . Ao ter como princípios a utilidade e a eficiência, busca-se a padronização dos corpos e os gestos vão sendo controlados, embasados na racionalidade instrumental. O corpo humano, então, é tido como natural e universal, onde os aspectos sócio-culturais são desconsiderados.

Dentro deste contexto, Santin (1995) aponta para as conseqüências que o processo de civilização trouxe ao homem moderno ocidental no que tange a sua corporalidade. Ao contemplar o termo “descorporalização”, que significa o homem foi tornando-se cada vez mais independente da comunicação empática do seu corpo com o mundo. O autor conclui que os movimentos corporais tornaram-se instrumentalizados, como por exemplo na área da saúde, ao dissociar os segmentos e movimentos corporais em partes isoladas para realizar o processo de cuidar.

Contribuições para a Área da Saúde

Ao percebermos que corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva, compreendemos que o corpo natural é cultural, humano e animal, universal e singular portanto, histórico. Trazendo à tona as reflexões feitas nesse trabalho, pensamos que, ao considerarmos o corpo como uma construção biocultural, um corpo vivo, que é capaz de recusar a busca da perfeição e compreendendo que os opostos, ao invés de se isolarem, se complementam, poderá obter novos olhares sobre os usos do corpo.

Sabendo que é através do processo de cuidar, que (se dão) ocorrem às interações entre os profissionais e os clientes, ao considerarmos uma política dos gestos e ao saber que não é possível ir em busca de um corpo isento de história, temos o desafio de permitir desabrochar as subjetividades, abrindo espaços que possibilitem aflorar o ser selvagem, o ser do abismo, um ser que, ao modificar-se constantemente, provoca mudanças no ambiente, na sociedade e na cultura. Buscamos, através dos desafios lançados, desvendar a capacidade criativa de um corpo que ao viver, se reestrutura mediante imprevistos, fazendo desvelar a complexa condição humana.

Possibilitar a construção de processos de cuidar que neguem o processo linear, as dicotomias e os determinismos, para que estes sejam pautados em valores que promovam a compreensão e a autonomia dos clientes, com profissionais preocupados com a vida, com o próprio corpo e com o corpo do outro, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver, de movimentar-se.

Possibilitar a construção dos gestos através de uma problematização das concepções segregadoras de corpo, movimento, natureza e cultura e que possibilite o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Uma forma de conduzir as atitudes profissionais para que se desperte o desejo, a solidariedade do estar com o outro numa sociabilidade comunicativa, que considere que o corpo é carne do mundo, numa relação ética e estética que ultrapasse a racionalidade instrumental e as lógicas redutivas das anatomias políticas do corpo.

Referências Bibliográficas

BERGÈS, J. Doze textos de Jean Bergès. Escritos da Criança. Nº 2. Porto Alegre: Centro Lygia Coriat de Porto Alegre, 1997.

DOLTO, F. A imagem inconsciente do corpo. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MATURANA, H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. 2ª ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTIN, S. Educação Física: Outros caminhos. Porto Alegre: Ed. Est, 1993.

Notas de Rodapé

[1] Enfª. Mestranda em Enfermagem pela EE-UFRGS. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: tanaralm@via-rs.net Endereço residencial: Rua Goiânia, 377 apto 602 Bento Gonçalves – RS.

[2] Fisioterapeuta. Mestranda em Enfermagem pela EE-UFRGS. Terapeuta em Estimulação Precoce do Instituto Lygia Coriat de Porto Alegre.

[3] Enfª. Dra. em Filosofia em Enfermagem pela UFSC. Professora Adjunta da EE-UFRGS. Orientadora do estudo independente.

Creutzberg M, Funck L, Kruse MHL, Mancia JR, organizadores. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser [livro em formato eletrônico]; 2004 Out 24-29 [capturado 13 Abr de 2006]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://bstorm.com.br/enfermagem>. ISBN 85-87582-23-2